

Darwinisme et marxisme

PATRICK TORT E ANTON PANNEKOEK

Paris: Les Éditions Arkhê, 2011, 248p.

*Breno Viotto Pedrosa**

Patrick Tort, um especialista sobre Darwin e o darwinismo, comentou, no livro que resenhamos, o artigo clássico de Anton Pannekoek, intitulado “Darwinismo e marxismo”. Além da tradução original do holandês para o francês, tendo como base a segunda edição do texto publicada em 1931, o livro traz ainda a cronologia política de Pannekoek, organizada por Réne Bonamy.

Patrick Tort tece longos comentários no meio do texto de Pannekoek, com o objetivo de contextualizar o debate deste no seu tempo e, ainda, localizar seus posicionamentos interpretativos dentro do darwinismo. Não podemos negar que a relação do marxismo com as ciências naturais é conturbada, pois, muitas vezes, se buscou colocar um fim no debate acerca da dialética da natureza, de um lado, devido à simplificação de alguns pensadores e, de outro, em razão das interpretações do pensamento de Darwin que nem sempre eram fiéis ao sentido da obra original. Se tomarmos o exemplo da geografia, fica evidente que muitos pensadores como Ratzel, Kropotkin e Reclus, adotaram uma leitura do darwinismo que também está entremeada pelo transformismo lamarkista, ou seja, se admite o desenvolvimento de características físicas através da adaptação ao meio ambiente. Reclus e Kropotkin, contrariamente a Ratzel, enfatizaram o papel da cooperação na seleção natural, sendo que sua ideia de meio consistia em propor uma análise do amálgama entre sociedade e natureza.

* Professor Adjunto na Universidade Federal da Integração Latino-Americana. *E-mail:* brenoviotto@hotmail.com

O objetivo de Patrick Tort ao recuperar esse texto crítico, além de sua atualidade, é justamente tentar problematizar e inventariar o diálogo entre marxismo e darwinismo, duas doutrinas que se baseiam no materialismo e que podem, de alguma forma, se justapor e dialogar. Aliás, Tort defende uma dialética entre história natural e social, pois retoma o argumento de Pannekoek, no sentido de que apesar de o darwinismo e o marxismo estarem muito próximos, pouco têm em comum, embora pudessem apresentar explicações complementares. O darwinismo explicaria a história natural sob bases materialistas, demonstrando a dinâmica de uma história evolutiva, enquanto o marxismo o faria para a luta de classes dentro da civilização humana. Tort defende que, em vez de uma ruptura entre natureza e cultura, o materialismo dialético e histórico deveria incorporar a ideia de Darwin, referente à tendência crescente da eliminação da seleção natural, conforme o homem desenvolve a civilização.

No tocante aos argumentos de Pannekoek, é muito interessante a clareza em que ele delineia o uso de classe da doutrina darwinista: ela foi incorporada pela burguesia e é fruto do próprio materialismo burguês, sendo utilizada para combater os resquícios das ideologias feudais e religiosas que permeavam a sociedade da época. Ao mesmo tempo, o darwinismo foi utilizado para justificar a posição da burguesia como classe dominante e o imperialismo entre as nações, tudo por meio da valorização da sobrevivência dos mais aptos. Temos aí, então, a justificativa do darwinismo social e a aplicação ideológica da doutrina do malthusianismo de forma extremamente pragmática, criando um mecanicismo que explicaria as desigualdades sociais. Mesmo Marx, que recebeu a obra de Darwin com grande entusiasmo, se torna mais reticente ao se deparar com os usos políticos do darwinismo, por Carl Vogt e outros.

O mesmo se aplica a Engels que, apesar da preocupação com a dialética da natureza, vislumbrou no darwinismo, ainda que tardiamente, argumentos que reforçariam a luta do indivíduo, como na teoria de Hobbes, ou a limitação de recursos proposta por Malthus, elementos que revelariam o conteúdo de classe das aplicações do darwinismo. Mesmo diante dessa avaliação ambivalente, persiste uma imagem positiva da teoria, que constitui uma visão de mundo científica, com base histórico-natural e ateia. Porém, segundo Tort, Marx e Engels não conseguiram detectar que Darwin era crítico das ideias de Malthus. Ainda segundo o comentarista, Hobbes admitiria que a luta generalizada entre os indivíduos, diante da racionalidade humana, resultaria na necessidade de autopreservação e no refreamento da violência generalizada. Mas, diante do impacto do pensamento evolucionista, ficaram pouco claras para Marx, Engels e os marxistas as posições de Darwin, que controvertem a seleção natural na sociedade, a defesa da falta de intervenção governamental, o planejamento do eugenismo e, por fim, as soluções para o aumento da população de origens malthusianas.

Patrick Tort demonstra como Pannekoek, ao menos parcialmente, chega a conclusões muito próximas das ideias que Darwin desenvolveu quando discutiu a

origem e a filiação do homem, ou seja, a seleção de comportamentos fez florescer uma organização social de forma cultural ou civilizacional, que se sobrepõe ao processo de seleção natural, relativizando o processo evolutivo humano. Para Pannekoek, enquanto os animais, no processo de seleção natural, fazem prosseguir as características naturais que favorecem a sua sobrevivência, o homem altera toda essa lógica por meio do trabalho. A categoria trabalho serve de porta de entrada para que Pannekoek dê enfoque à tecnologia como elemento emancipador da dinâmica da seleção natural, consistindo a técnica em ferramentas que funcionam como extensão do corpo, selecionadas por sua eficiência produtiva. Nem sempre o humano mais forte fisicamente é aquele que perdura nos conflitos em que a técnica avançada participa, sendo assim fica evidente que Pannekoek emprega um grau significativo de tecnicismo, acreditando que seu aprimoramento aumenta a produtividade do trabalho durante o processo histórico-social. Existiria, então, uma seleção de técnicas mais ou menos adequadas para a sobrevivência em determinados contextos. Além disso, a técnica como extensão do corpo pode alterar a capacidade cognitiva do homem.

A partir da constituição do trabalho, Pannekoek – e muitos outros marxistas – delimitam o fim da história natural evolutiva e o início da história humana, com o desenvolvimento da linguagem, da religião e da moral. Na interpretação de Tort, Darwin se fundamenta na mesma ideia, pois as ferramentas humanas são transmitidas por um saber socialmente adquirido; contudo, ressalta que seu pensamento, que vislumbrou a origem do homem em um processo longo de evolução, está distante de começos bem demarcados ou de rupturas drásticas. Igualmente, é importante destacar que, para Darwin, a seleção natural, no caso dos animais, também recai nos seus instintos e comportamentos.

Cabe lembrar que muitos dos marxistas da Segunda Internacional incorporaram o darwinismo de uma maneira muito intensa em suas teorias – como é o caso de Kaustky –, e alguns deles até substituíram raciocínios mais dialéticos por um racionalismo positivista simples, uma vez que não foi raro o paralelismo entre luta de classes e sobrevivência dos mais aptos.

Como coloca Tort, a relação marxismo e darwinismo deve ser debatida, esclarecida e também apropriada pela esquerda, uma vez que as políticas da natureza compõem temas importantes, passíveis de profundas disputas: a conservação da natureza, a genética humana e animal, as matérias-primas e recursos naturais são todas temáticas candentes atualmente e no processo histórico do capitalismo. Nesse sentido, somos contra um determinismo geográfico, mas não podemos deixar de reconhecer o papel da natureza na composição da totalidade social como um elemento de grande importância.

Controvérsias à parte, o livro organizado por Patrick Tort é muito elucidativo, não só por recuperar um texto clássico, mas também por inseri-lo no fluxo da história das ideias, abordando duas das mais importantes correntes de pensamento que perduram até hoje, o darwinismo e o marxismo.

Palavras-chave: darwinismo, marxismo, teoria da evolução, Pannekoek.

CONSULTE A BIBLIOTECA VIRTUAL DA *CRÍTICA MARXISTA*

<http://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista>

CRÍTICA marxista

A origem da noção de ontologia de Lukács
Nicolas Tertulian

O espaço político em Marx
Adriano Codato

Classe operária e classes médias
John Milios e George Economakis

Marxismo e movimentos sociais
Andréia Galvão

O PCB e o governo nacionalista e democrático
Anita Leocádia Prestes

32